

Estoril Political Forum 2017

26 Junho 2017

Carlos Carreiras

Magnífica Reitora da Universidade Católica Portuguesa, Professora Doutora Isabel Capelo Gil

Senhor Diretor do Instituto de Estudos Políticos, Professor Doutor João Carlos Espada

Senhor Presidente do Conselho Estratégico do IEP. Dr. Pedro Norton,

Senhora Diretora do Curso de Verão, Dra. Rita Brito

Senhoras e senhores professores,

Caros alunos,

Sejam muito bem-vindos a Cascais e ao Estoril para a 25ª Edição do Political Forum.

Rebobinando a fita histórica, percebemos que o Professor Espada lançou estes cursos, nos primeiros tempos na Arrábida mas depois em permanência aqui no Estoril, corria o ano de 1993. Curiosamente o mesmo ano em que entrou em vigor o Tratado de Maastricht.

Mas ao contrário do tratado europeu, com quem os cursos partilham o ano de nascimento, o IEP não é produto de um grande plano, nem aponta para destinos inescapáveis para o homem europeu que, em alguns casos, acaba a servir macroestruturas políticas centralizadoras com legitimidade democrática questionável.

Se há coisa que há muito tempo percebemos aqui no Estoril é que, tal como estas gentes que vos acolhem, o IEP preza a liberdade individual e a capacidade que cada homem e que cada comunidade, em respeito pela lei e pelas tradições ancestrais, construir o seu projeto de felicidade.

É esta comunhão orgânica entre nós e vós, entre Cascais e o IEP e a Universidade Católica, que tem permitido construir, peça a peça, um dos melhores e mais sólidos fóruns académicos internacionais na área dos estudos políticos.

Minhas senhoras e meus senhores,

Estamos num painel de tributo a Mário Soares. E quero começar por felicitar o Professor Espada por ter dado a oportunidade de recordar, no arranque destes trabalhos, a personagem titânica da nossa democracia que foi Mário Soares.



Ouve-se muitas vezes no debate público, políticos dizerem que não recebem lições de nada ou de ninguém.

Quero dizer-vos que estando em áreas políticas concorrentes, mas convergentes no essencial, eu recebi muitas lições de Mário Soares. E penso que Portugal também.

Com Mário Soares o país percebeu que Liberdade é Liberdade. Ou seja, ficou claro que Liberdade é coisa muito diferente das “liberdades”. A liberdade é um valor integral, não subjetivo, que deve tocar todos e cada um dos cidadãos.

Soares, e outros de outros partidos, resgataram esse ideal de liberdade e colaram-no à pele e à alma do país numa circunstância de rutura histórica, criando as condições para que Portugal fosse uma Democracia.

Mas com Mário Soares o país também aprendeu que ditadura é ditadura. Como poucos na sua área política, Mário Soares intuiu os objetivos das forças extremistas da esquerda e de alguns militares na aurora revolucionária.

Os primeiros queriam substituir uma ditadura de direita por uma ditadura de esquerda guiada espiritualmente por Moscovo.

Os segundos sonhariam colocar o poder civil na obediência do poder militar, reproduzindo modelos de governação típicos de outras latitudes.

Mário Soares, com quem eu e tantos milhares de militantes do PPD-PSD estivemos na Fonte Luminosa, foi um muro intransponível para esses devaneios revolucionários.

Convém recordar que o fundador do PS ganhou duas vezes aos projetos totalitários: em 1974, como figura de proa do 25 de Abril contra o regime de Salazar/Caetano; em novembro de 1975, garantido que a liberdade de Abril não era usurpada pelas esquerdas radicais.

Outra das lições que Soares deu ao país é que o sonho e ambição em política são determinantes.

Não falo dos sonhos delirantes dos otimistas irritantes, mas os sonhos mobilizadores, que constituam movimentos de superação ancorados em possibilidades realistas.

Guiar a transição para a Democracia, pôr fim à guerra colonial e dar início à descolonização, e ancorar Portugal ao projeto de prosperidade e progresso europeu: reconhecamos a extraordinária magnitude do projeto de que Soares foi um dos protagonistas políticos.

Com Mário Soares, e gostava de sublinhar este ponto, a política era para políticos.

A política não era para os técnicos – embora eles devessem estar na política. Mas era a política e o político que liderava o processo de decisão.

A política, na visão de Soares, reinava sobre a economia e sobre a finança.

Mais do que uma ambição e um sonho, o ex-presidente da República tinha uma visão de um Portugal moderno da qual nunca abdicou.

Outra lição que Soares partilhou com o país, e que eu temo que o país tenha esquecido, é que **a coragem faz parte da política e tem primazia sobre a tática.**

Precisamente por ser um homem de convicções, e certo da sua validade, Soares foi divisivo. Nunca teve receio de decidir e até de dividir.

Abriu combates em todas as frentes e não cultivava tacticismos, mesmo quando os resultados se anunciavam desfavoráveis.

Quando hoje vemos tantos políticos hesitantes em fazer o que devem, eternizando-se como candidatos a candidatos, percebemos que eles esqueceram uma lição de Soares: a liberdade democrática não incluiu apenas a possibilidade de ganhar.

Mesmo sendo um adversário extraordinário, Soares procurou inúmeras pontes à sua direita e secundarizou muitas vezes o seu partido em prol do superior interesse nacional.

Contra o seu grupo parlamentar, forjou uma aliança com o PSD e o CDS para passar a reforma constitucional de 1982.

Com o PSD, no famoso governo AD, compreendeu que só um executivo alargado poderia implementar as reformas duríssimas prescritas pelo FMI. De certa forma, Soares foi o arquiteto do ‘arco da governabilidade’. Isto constitui uma outra lição extraordinária de Soares ao país: a política tem de distinguir o essencial do acessório.

A partida de Mário Soares confirmou um vazio na vida pública nacional que é muito difícil de preencher. Sem Sá Carneiro, sem Amaro da Costa, sem Álvaro Cunhal, sem Mário Soares, fica a sensação de que há um tempo de idealismo e de sonho que se fecha.

Os quatro mudaram o país com um titânico combate de ideias. Eles têm, justamente, um lugar garantido na história.

Recordo que, por altura do seu funeral, o país desdobrou-se em elogios a Mário Soares.

Paradoxalmente, quando tantos disseram que é preciso honrar o seu legado, e eu concordo, não deixa de ser perturbador que tão pouco daquilo que Soares nos deu esteja presente na nossa vida política.

Para começar poucos são hoje capazes de sacrificar o seu partido pelo país. Todos, em todos os partidos, contribuem para que o assessorio seja essencial, e para que o essencial seja assessorio. Há pouca coragem para decidir, para reformar e para mudar.

E há muito cinzentismo e muita indiferença para com a política.

Talvez porque haja pouca força nas convicções. Talvez porque haja muita vontade de trabalhar para a popularidade instantânea nas sondagens e para o voto fácil, em vez de procurar o bem maior no longo prazo.

Talvez porque haja pouco sonho e pouca ambição e pouca estratégia para o país.

Talvez a liberdade ainda seja a “Liberdade” de Soares. Mas as linhas vermelhas da ditadura por si traçadas em 1975, estão hoje a ser perigosamente apagadas por alguns dos que se dizem depositários do seu legado.

Democratização, Descolonização e CEE.

Com este horizonte de possibilidades Soares mobilizou o país.

Mas a nós, o que é que nos move hoje? O que é que nos mobiliza?

Não sabemos porque perdemos o sentido de futuro em nome da satisfação do presente.

Cabe às lideranças políticas redescobrirem esse sentido comum, o sonho e a ambição realista, por exemplo em valores como a prosperidade económica, a justiça social, a sustentabilidade ambiental ou a reforma democrática e a consolidação da democracia liberal.

Democracia pela qual Soares tanto se bateu. E que este curso, estes professores e alunos, certamente tratarão com audácia política e rigor académico.

Tenham um excelente curso de Verão.

Sejam sempre bem-vindos a Cascais. E façam da nossa casa a vossa casa.

Até breve e obrigado.